



A EXTORSÃO

MIDU GORINI

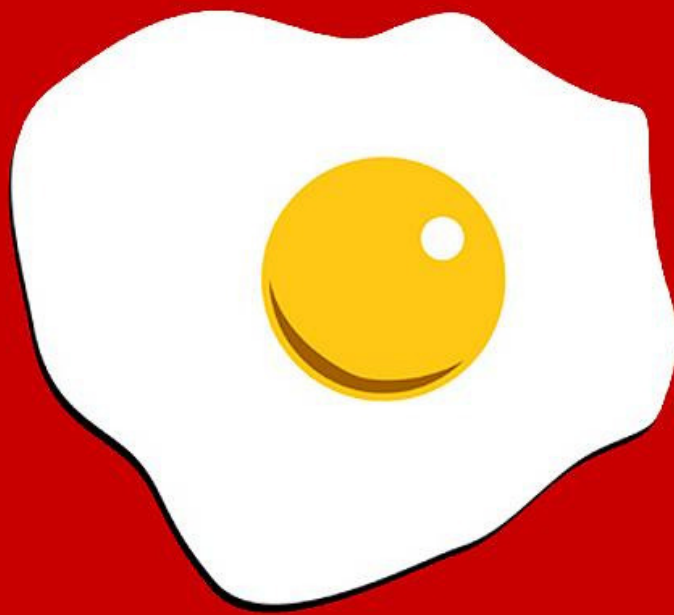
midugorinibook primeira edição

MIDU GORINI

A EXTORSÃO

“Conto longo” (“long-short story”)

Primeira edição



midugorinibook

Brasil. Catalogação na fonte
midugorinibook

midugorini@bol.com.br

2010 ©

Midu / Gorini, Romildo Filho, 1955.

A EXTORSÃO ® primeira edição

I. literatura brasileira. I. título

A EXTORSÃO

Epígrafe Indispensável

– Quem sabe respirar o ar de meus escritos sabe que é um ar da altitude, um forte ar. É preciso ser feito para ele, senão o perigo de se resfriar não é pequeno. O gelo está perto... , mas com que tranquilidade está todas as coisas, a luz, com que liberdade se respira... , o autêntico livro do ar das alturas.

Friedrich Nietzsche.

A EXTORSÃO

Preâmbulo

– Um livro para poucos, que possui o ar forte da altitude, o gelo está ao lado, resta saber se você é feito para ele e sabe respirar o ar forte das alturas. Um ar, com pouco oxigênio e fragmentos de fatos verídicos, regados a sangue frio, dominados por violenta emoção.

Midu Gorini

A EXTORSÃO

¥ — £ § 1.0 – A jovem senhora.

Estava almoçando com a psicóloga Juliana no Yzi Kielv's Place, quando a minha secretária Márcia por telefone, foi direta ao assunto: — João eu acho bom você vir urgente para cá, tem uma jovem senhora desesperada te aguarda no escritório, veio recomendada pelo Dr. Moraes, presidente da fábrica de eletrodomésticos.

— Juliana é coisa séria, tenho que ir.

— Puxa João, que pena.

Não saboreei o fim da minha sobremesa, mas deu tempo de lhe fazer, uma última e simples pergunta: — Quer namorar comigo?

— Ah! Quero sim.

Depois de um breve beijo, fui me encontrar com a jovem senhora.

Chegando ao escritório Márcia me disse “dona Regina, a jovem cliente está na sua sala”, é realmente uma jovem senhora, muito bonita com seus cabelos castanhos encaracolados, cobertos por um lenço de seda preto com detalhes em branco.

— Sou o Dr. João, dona Regina.

— Dr. João me ajude, por favor. Eu pedi socorro ao Dr. Moraes, porque sou a cabeleireira da esposa dele, e não conheço nenhum bom advogado. Não tenho posses, mas o Dr. Moraes falou que o senhor poderia me ajudar. Ele mandou lhe entregar este cheque, para a custa inicial do seu serviço.

Peguei o cheque de sua mão trêmula e perguntei: — Por que está tão nervosa dona Regina?

— Eu estou desesperada Doutor, porque o meu marido Daniel, matou um companheiro de cela, hoje cedo, na penitenciária.

— O que ele fez para estar preso?

— Ele assaltou uma farmácia, com o revólver do pai.

— Foi o primeiro crime dele?

— Sim.

— Dona Regina a Márcia vai anotar, todos os seus dados. Não se preocupe com dinheiro, vou pedir um atestado de pobreza legal, que é o termo técnico, para quem não pode pagar um advogado. Devolva o cheque para o Dr. Moraes, eu volto a falar com a senhora, agora preciso ver, qual é a situação do Daniel, está bom assim.

— Sim Doutor, muito obrigado por me ajudar.

Fui para a penitenciária, o diretor é um velho companheiro de todas as horas, chama-se Júlio fazia tempo que não o via, recebeu-me sem demora e com cordialidade, esclareceu todos os fatos ocorridos, dizendo: — João, Daniel há um ano e dois meses, está sob a custódia da penitenciária, por assalto a mão armada, agora matou dentro da sua própria cela, um assaltante contumaz chamado Mário, vulgo Jumento, que nos abandona após oito anos de reclusão e tudo indica ser mais uma rixa entre presos.

— O corpo já foi removido para o IML?

— Sim.

— Daniel não explicou o motivo da rixa, Júlio?

— Não disse apenas que era uma rixa pessoal e não iria falar mais sem antes consultar um advogado. Os outros dois companheiros de cela, Samuel e Vanderlei, como sempre ocorre neste tipo de caso, não viram nada, não escutaram nada, não sabiam de nada. É a lei das massas carcerárias, o velho código dos presos, quem fala morre.

— É sempre assim Júlio, a lei do silêncio acaba imperando.

— Sem saber exatamente o que está acontecendo naquela cela João, decidi por medida de segurança, transferir Daniel para o seguro.

— Fez o certo meu amigo.

Julio estava muito satisfeito com o novo seguro da penitenciária, recém-reformado com recursos de uma ONG ligada aos direitos humanos. Um local onde ficavam os presos jurados de morte por qualquer motivo. Uma ala só para os presos jurados de morte, como é o caso dos delatores e dos matadores de crianças. E uma ala específica para os estupradores, assim eles não virariam mais mulherzinha dos outros presos, em uma cela comum.

Para uma investigação preliminar, tirei cópias das fichas criminais dos quatro presos da cela do crime, em busca de alguma pista que me revelasse o motivo do fato ocorrido. Neste meio tempo eu continuava a conversar com Júlio, tentando descobrir mais alguma coisa sobre Daniel, mas ele só queria lembrar os velhos tempos. Depois de muita conversa nostálgica, Julio ligou para o carcereiro e pediu para levar Daniel até a sala dos advogados. Peguei as copias das fichas, me despedi do amigo e fui ver o meu cliente.

Daniel me pareceu aliviado, pelo fato de ter matado o seu companheiro, com calma ele me falou que matou utilizando um estilete de fabricação caseira, como arma branca, perguntei-lhe: — Você fabricou esse estilete?

— Não, eu comprei por três maços de cigarros, mas não posso revelar o nome do preso que me vendeu o estilete.

— Porque matou o Jumento?

— Porque ele falou para mim, que na próxima visita íntima da minha esposa, era ele que iria transar com ela e eu ficaria assistindo tudo de camarote.

Por enquanto, resolvi aceitar, este fato como sendo o motivo do crime.

— Como você matou o Jumento?

— Esperei a esposa dele sair para ir ao médico, e quando ela saiu da cela, Jumento virou de costas, para mim, eu peguei o estilete que estava escondido em baixo do travesseiro e o atingi com um golpe firme nas costas, e quando ele se virou, dei uma perfurada no peito, ele morreu na hora.

— Quem é a esposa do Jumento?

— O Samuel, mas Jumento o chamava carinhosamente de Suzi.

Decididamente Daniel não tinha o perfil, a cara e nem o jeito de ser um assassino dessa natureza, frio e calculista: — Você está sendo ameaçado por alguém, por outro preso talvez? Irritado com a pergunta, Daniel me responde: — Porque pensa isso Doutor? Matei o cara que queria comer a minha mulher, dei fim as minhas preocupações. E complementa com a calma restabelecida: — Foi só isso, Dr. João, nada mais que isso. É assim que se resolvem os problemas aqui dentro, quem pode mais chora menos.

Pedi para Daniel assinar a procuração para defendê-lo, assinou prontamente com a mão esquerda.

— A sua esposa me falou que você é pintor de paredes, os canhotos possuem grande aptidão para o desenho, você já pintou algum quadro?

— Por quê?

— Só curiosidade, Daniel.

— Eu desenho muito bem, mas nunca pintei um quadro.

— Não dê em hipótese alguma Daniel, nenhuma declaração na minha ausência e logo eu volto a revê-lo.

— Tá bom Doutor, obrigado por ter vindo.

Fui falar com o Dr. Vitor, no IML, ele estava saindo da sala de exames, e me relata: — Fiz um exame externo do corpo, e foi o suficiente para eu determinar com segurança a causa da morte. Jumento apresentava duas perfurações profundas, uma nas costas, do lado direito perto do pescoço e outra no peito que atingiu o coração em cheio, o rapaz morreu na hora, vou emitir o laudo amanhã cedo.

— Doutor no laudo que você vai emitir consta à angulação do percurso das perfurações?

— Não, mas se você desejar, eu posso verificar agora o cadáver ainda está em cima da mesa de exames, quer vir junto?

— Quero sim, Dr. Vitor.

— Então vamos nessa.

Quando o Dr. Vitor me mostrou o cadáver nu, daquele homem negro e forte, eu lhe perguntei espantado: — Que é isso?!

— Isto é uma acromegalia localizada, denominada megalophallus. Os hormônios são lançados na circulação sangüínea, e fazem o corpo humano crescer por igual, mas neste caso, por uma alteração genética, o tecido peniano deste indivíduo, respondeu exageradamente aos estímulos hormonais, e calculo que em ereção, este pênis, deve medir em torno de trinta centímetros de comprimento.

— Este distúrbio, provoca alguma alteração mental?

— A acromegalia localizada, pode ocorrer em qualquer extremidade do corpo, como dedos, pênis ou até na língua e geralmente não provoca alterações mentais.

Com um longo e fino bastão de aço cirúrgico, da espessura de um canudinho de refrigerante, na mão direita. O Doutor introduz cuidadosamente o bastão na perfuração do peito, depois pede para seu auxiliar virar o cadáver e faz o mesmo procedimento na perfuração das costas e diagnostica: — Vai constar no laudo que as duas perfurações, apresentam claramente, um acentuado desvio para a esquerda em seu trajeto de perfuração e penetração, satisfeito agora Dr. João, fica provado e comprovado pelo desvio acentuado à esquerda das duas perfurações que, quem matou esse homem é destro.

— Satisfeitíssimo Dr. Vitor, muito obrigado pela atenção.

— Por nada Doutor.

Tive que retornar a penitenciária para iniciar uma nova linha de investigação, com uma certeza e dois entendimentos. A certeza que Daniel era inocente e o entendimento que ele foi ameaçado por alguém, para assumir a responsabilidade do crime. Talvez a ficha médica dele, pudesse me revelar alguma coisa, sobre essa ameaça. O outro entendimento era obvio agora eu entendi porque o apelido do Mário era Jumento.

Eram quase seis horas da tarde, mas o Dr. Leônidas, médico chefe do serviço médico penitenciário, ainda estava trabalhando. Com o pedido de Júlio, o Doutor me atendeu meio a contra gosto e foi logo dizendo, com péssimo humor: — É fim de expediente e ainda estou atolado de serviço, seja breve.

— Serei sim, eu quero uma cópia da ficha médica desses quatro presos. Entreguei-lhe uma lista contendo os nomes do Jumento, Daniel, Vanderlei e Samuel. Ele foi até o arquivo e me trouxe as quatro pastas: — Tire xérox na sala do Júlio e deixe as pastas lá, que depois eu pego boa noite Dr. João.

— Boa noite Dr. Leônidas.

Fiz a copia na sala de Júlio, li rapidamente a ficha médica de Daniel e tive que voltar a incomodar o ocupado Dr. Leônidas, pois a ficha me revelou um fato terrível, quando o mal humorado doutor me viu de volta, não disfarçou a sua irritação: — O que foi agora Dr. João?

— Dr. Leônidas faça-me um favor, o senhor se lembra deste caso. Entregando-lhe a ficha médica de Daniel, ele pegou a ficha e leu em voz alta, com má vontade: — Daniel

vinte e nove anos, encontrado há um ano desmaiado no chão da lavanderia, nariz e duas costelas quebradas, dois dentes quebrados e um perdido no chão, oito pontos no supercílio direito e cinco no esquerdo. Laceração com ruptura da musculatura do esfíncter anal, com lesão nos três plexos venosos hemorroidal, denominados mamilos, Dr. João. Sim eu me lembro desse caso, arreventaram o seu cliente, ele fez a cirurgia das hemorroidas, e ficou um mês hospitalizado, no hospital penitenciário, para se recuperar de todas as lesões. Porque fiquei preocupado com as fraturas nas costelas, se elas sofressem uma nova agressão, sem estarem consolidadas, poderiam perfurar os pulmões de Daniel.

— Existia algum motivo, para essa suspeição?

— Não, mas, como eu já estava cheio de abacaxi nas mãos, Dr. João, eu resolvi por as barbas de molho. Não queria um pulmão perfurado para resolver.

— Depois que Daniel retornou a cela, ele foi atendido novamente pelo senhor?

— Não, nunca mais compareceu ao centro médico, este foi o décimo caso, de recluso encontrado na lavanderia neste estado deplorável, em oito anos.

Resolvi pedir as fichas dos outros presos para aprofundar as investigações: — O senhor tem o nome dos outros nove presos?

— Tenho, porque depois desse caso eu pedi para o Júlio abrir uma sindicância interna, e averiguar se isso não era coisa feita pelos próprios agentes penitenciários, pois a minha suspeita era que eles introduziram um cassete de guarda, nesses coitados. Em seguida o Dr. Leônidas, resignado com a minha incômoda presença, vai até os seus arquivos e me fornece uma lista com dez nomes.

Agradei o doutor com simpatia e já que ele estava menos irritado, lhe fiz uma ultima pergunta: — E a sindicância interna, chegou a alguma conclusão?

— Não, nada ficou provado contra os agentes penitenciários, e já foram feitas várias revistas no presídio, mas nunca encontraram o tal cassete, agora, adeus Dr. João.

— Até logo, Dr. Leônidas, muitíssimo obrigado.

Depois para comemorar o primeiro dia de namoro, com Juliana. Um jantarzinho a luz de velas, preparado por nós dois, no meu apartamento. Excedermos na quantidade de elogios mútuos, misturado com um pouco de vinho e boa música francesa, ficamos susceptível às sensações do momento.

Ah! Como Juliana estava linda! Usava um vestido preto de tecido suave ao toque de minhas mãos, enquanto dançávamos lentamente. Dois pra lá, dois pra cá, passos que foram se transformando em um pra lá, um pra cá, ao som de Édith Piaf. Ela estava feliz, risonha, como quem se prepara pra fazer uma grande travessura, a mesma travessura de sempre, sempre me provocando com seu olhar felino, sensual.

Não resistir aos seus apelos até então resistidos e, excitados e entregues nas delicias da carne, do prazer pelo prazer, deixamos explodir ardentemente os nossos instintos mais selvagens. Apaguei a luz do abajur deixando a penumbra da vela sobre a mesa, ela abriu as cortinas do apartamento, deixando penetrar no ambiente o frescor da noite e o luar e, chamou-me para dançar novamente.

O luminoso da loja em frente piscava suave, dado um leve toque avermelhado ao ambiente, comecei a acariciá-la ao som da música, envolto ao clima de sedução, fascino. Beijamos longamente, sentindo aquele corpo de menina em meus braços, beijos e carícias audaciosos deixaram explicito que era uma mulher com desejos ardentes, como braseiro em fornalha que não se apaga nunca.

Os seus anseios buscavam no meu corpo, a saciedade do prazer, enquanto eu experimentava um deleitável êxtase. Seu olhar lânguido, seus lábios trêmulos de boca sensual, prepara-se para sugar-me e beijando-me de cima abaixo, ajoelha-se lentamente,

em minhas mãos sua cabeça frenética de cabelos sedosos. Abri o zíper do seu vestido, que escondia a mais misteriosa beleza, e beijei sua nuca perfumada e, como se houvesse ligado algum interruptor, Juliana cavalcou-me num sexo selvagem que nos levou a loucura.

Depois de um demorado banho, onde exploramos a pele, os lábios, o de um e de outro, num jogo de sedução e prazer. Estávamos prontos para nova aventura e, nos amamos suavemente. E novamente, e muitas vezes, serenamente, suavemente, como se o mundo pertencesse somente a nós dois; em uma sincronia anatomicamente perfeita, como se tivéssemos sido criado um para o outro.

A cesta do café da manhã chegou exatamente às oito e meia, como o combinado anteriormente, após o café matinal, a vida deixou de ser azul, comentei o caso do Daniel, com Juliana, indignada ela diz: — João a filosofia prisional é falida, isolar a pessoa da sociedade, para que esta entre em paz com seu espírito, através da meditação e trabalho, se arrependendo de seus erros se reabilitando para a vida em sociedade é uma piada de mau gosto. A prisão deforma a personalidade da pessoa, que tem que se ajustar às leis dos presos, onde os mais fortes predominam sobre o mais fracos, constituindo uma sociedade violenta, ociosa, do mesmo sexo, em um ambiente fechado, promíscuo. O que aconteceu com Daniel é considerado um fato perfeitamente normal entre os presos, foi apenas uma punição, que reflete todo o autoritarismo violento e opressivo do mais forte, corrompendo e aviltando o mais fraco.

— Juliana, hoje depois do almoço, o Daniel vai depor em juízo, o Dr. Plácido com certeza já estará de posse do requerimento, feito pelo promotor Dr. Miguel, pedindo o indiciamento de Daniel em inquérito policial, por homicídio qualificado.

— E o que você vai fazer João?

— Uma coisa é certa, Daniel não matou o Jumento, portanto ele foi ameaçado para assumir este crime, se eu for até a Dr^a. Aldira e inocentá-lo, Daniel corre risco real de morte, isso significa que vou ter que falar novamente com a dona Regina, e ver o que eu consigo descobrir.

— Você vai conseguir João. Juliana me dá um rápido beijo e sai apressadamente dizendo: — Agora tenho que ir trabalhar.

Em seguida, em busca de alguma luz, li às fichas dos presos, mas não encontrei nada de relevante. Jumento quarenta anos, saúde de ferro fez apenas um exame de rotina quando foi encarcerado. Um exame muito simples, uma coleta de sangue para exames, a medida da pressão arterial, ausculta do pulmão e coração e algumas perguntas gerais do tipo, já teve algum ataque nervoso, nunca mais apareceu no departamento médico.

Samuel vulgo Suzi, vinte e seis anos, encarcerado há cinco anos, foi preso no seu primeiro assalto, em uma relojoaria, depois foi indiciado e inocentado por tráfico. Só fez algumas consultas de rotina e uma cirurgia de Hemorróidas, no hospital penitenciário.

Vanderlei vinte e dois anos, preso há um ano por lesão corporal grave e assalto a mão armada, em seu vigésimo nono assalto a postos de gasolina, foi atendido uma vez no departamento médico, para exames de rotina. Vanderlei, transferido há três meses para a cela de Jumento, não compareceu mais ao departamento médico.

Reli a ficha médica de Daniel, em seguida a ficha criminal, e descobri que depois do lamentável fato ocorrido na lavanderia, ele foi apelidado de Bateriafly, borboleta em inglês. O que significava este apelido na penitenciária, eu ainda não sabia, mas poderia ser um indício que Daniel, já vinha sendo ameaçado à muito tempo.

No depoimento de Daniel, o juiz Dr. Plácido iniciou a inquisição perguntando o seu nome e os locais de residência e de trabalho. Daniel falou seu nome, disse que morava com a esposa e que é pintor autônomo.

Perguntado se queria falar alguma coisa sobre o crime, Daniel disse que sim e falou que matou o Jumento, pelas costas, com duas estocadas de estilete, na manhã da sexta-feira, depois que Samuel, vulgo Suzi, saiu da cela para fazer uma consulta no centro médico. Disse ainda, que Vanderlei não viu o crime, porque estava dormindo.

A pergunta seguinte foi se ele queria falar algo sobre o período que antecedeu o crime, Daniel disse que sim e falou que existia uma rixa pessoal antiga, provocada por motivos banais, mas levou-o a matar o Jumento, para não morrer.

Perguntado se queria falar como conseguiu o estilete e se queria descrevê-lo, Daniel respondeu que não, para a primeira parte da pergunta, mas respondeu a segunda parte, dizendo, o estilete era na verdade um punhal artesanal, de tamanho médio, com 15 cm de lâmina de ferro esmerilhado pontiaguda, com dois cm de largura e cabo de madeira, feito com um pedaço de cabo de vassoura.

A última pergunta foi se ele queria falar algo sobre o período que sucedeu o crime, a resposta foi novamente não. E acabou sendo indiciado pelo juiz, por homicídio qualificado, porque impossibilitou a defesa pessoal do Jumento, atacando-o pelas costas. Em seguida o Dr. Plácido determinou que Daniel retorna-se, por medida de segurança, para o seguro.

Posteriormente, Dr. Plácido escutou em poucos minutos, o depoimento de Vanderlei. Que alegou ao juiz não ter visto o crime, porque estava dormindo, depois alegou que não escutou a tal discussão, que precedeu o crime, porque tinha o sono muito pesado. Quando perguntado sobre os possíveis motivos do crime, pelo juiz, ele apenas disse que não sabia por que o Daniel matou o Jumento. Depois do depoimento, o juiz determinou que Vanderlei retorna-se a sua cela.

§ 1.1 – A extorsão.

Chamei dona Regina em meu escritório no fim da tarde. Ela estava bem mais calma, porém muito preocupada com a situação do marido, perguntei a ela: — A senhora é casada há quanto tempo?

— Quatro anos, mas ainda não temos filhos, decidimos esperar um pouco, até a situação financeira estabilizar.

— A senhora conhecia o Daniel há quanto tempo?

— Conheci o meu marido, em uma festa de Natal, onde começamos a namorar. Um ano depois casamos e fui morar em uma pequena casa alugada, eu tinha dezoito anos e Daniel vinte e cinco.

— E a senhora já trabalhava de cabeleireira?

— Não, eu só comecei depois que fiz um curso profissionalizante no SENAC, três anos atrás.

— Daniel trabalhava aonde, quando se casaram?

— Em um escritório de uma transportadora que faliu, há dois anos. Desempregado Daniel começou a fazer bicos de pintor de paredes, mesmo com a dificuldade financeira. Foram anos de muito amor e felicidade, até ele ser preso.

— Dona Regina porque o Daniel foi assaltar uma farmácia?

— Logo que Daniel começou trabalhar de pintor, o irmão gêmeo dele, chamado Danilo, caiu de moto e teve traumatismo craniano, estava em coma e precisava urgentemente ser internado em um leito de UTI. Mas não havia nenhum leito disponível pelo SUS, Danilo ficou internado em uma enfermaria comum, aguardando uma vaga para ser transferido para a UTI.

- Mas vocês não procuraram outros hospitais?
- Daniel passou por vários hospitais, Dr. João, implorando por uma vaga na UTI e achou uma vaga particular, no Hospital Regional, que pediu uma caução em dinheiro, muito alta.
- Ai ele decidiu assaltar uma farmácia?
- Sim, desesperado ele pegou o revólver do pai, que trabalha como vigia noturno, em um bairro residencial chique e praticou o assalto, eu não sabia que ele iria fazer isso Doutor.
- Perfeitamente compreensível dona Regina, me corrija se eu estiver errado, pois estes dados constam na ficha penitenciária dele. Quando Daniel estava saindo da farmácia, entrou por acaso, dois policiais militares para comprar medicamentos e o prenderam ele em flagrante. Seu marido esperou o julgamento preso na cadeia municipal, e há um ano e dois meses atrás, foi julgado e condenado, sendo transferido para a penitenciária, correto?
- Dona Regina começa a chorar copiosamente e diz: — Correto, mas o Danilo morreu de madrugada naquela maldita enfermaria e nossa vida virou um inferno depois que o Daniel foi transferido para a penitenciária. Esperei alguns minutos até ela se acalmar e perguntei: — O que aconteceu na penitenciária?
- Estava indo tudo bem, nos dias de visita, eu sempre ia visitá-lo, quando fez dois meses que ele estava preso, Daniel foi atacado na lavanderia, quando retirava a roupa lavada da máquina, levou uma forte pancada na cabeça e acordou só no hospital.
- O que aconteceu depois, dona Regina?
- Quando Daniel saiu do hospital, um homem chamado Jacaré foi me visitar em casa, falou que trazia um recado do meu marido. Convidei o tal Jacaré para entrar e ele falou se eu não quisesse que o Daniel apanhasse de novo, teria de pagar um salário mínimo por mês.
- A senhora tem dia certo no mês, para entregar esse dinheiro?
- Não, mas ele liga avisando e vem buscar o dinheiro, à noite depois das 11. Dona Regina volta a chorar copiosamente e mesmo assim eu insisto: — Que mais?
- Ele me chamou de princesa gostosa e disse que iria transar comigo, quando viesse buscar o dinheiro, passou a mão entre as minhas pernas e disse, com a mão entre elas, se eu falasse com a polícia ou com alguém, Daniel morreria no mesmo dia.
- O que aconteceu depois dona Regina? Eu preciso saber de tudo para poder ajudá-la, confie em mim.
- O Jacaré me beijou na boca e falou que retornaria no mês seguinte para pegar o dinheiro e foi embora, depois de me obrigar a fazer sexo oral com ele, só para me humilhar. Muito envergonha dona Regina complementa: —No dia da cobrança, ele dormiu aqui em casa, me comeu de todo jeito Doutor, depois disso Daniel nunca mais apanhou naquela penitenciária.
- Este fato vem se repetindo há quanto tempo?
- Entenda bem Doutor, me submeto ao Jacaré por amor ao Daniel.
- Entendo perfeitamente isso, não se envergonhe, a senhora só estava fazendo o que lhe parecia certo.
- Jacaré já dormiu onze vezes comigo, hoje à noite ele virá de novo. Não fale nada para o Daniel, Dr. João ele não sabe que o Jacaré faz essas coisas horróricas comigo.
- Dona Regina não tinha mais condições de falar, pedi para Márcia ficar com ela.

- Liguei para o celular da delegada Dr^a. Aldira: — Tenho uma situação que requer que eu lhe fale pessoalmente com certa urgência, Doutora.
- Poderia ser agora Dr. João? Estou em uma rua próxima ao seu escritório.

— Eu agradeceria muito, Doutora.

Com a Dona Regina, um pouco mais calma, lhe dei a boa notícia: — O seu marido é inocente, ele não matou o Jumento, posso provar isso. A fisionomia de dona Regina, se transformou na hora, agora chorava de alegria e agradecia a Deus, por ter me colocado no caminho deles, perguntou-me: — como o senhor pode provar isso.

— Daniel não matou o Jumento, porque os desvios para a esquerda das duas perfurações provam com segurança que o assassino é destro.

—Graças a Deus, Dr. João.

— Portanto dona Regina, Daniel foi ameaçado por outro preso para assumir esse crime, o problema está no fato, dele não revelar para mim a sua mentira, e acredito que ele não mudará de idéia.

— Porque Dr. João? O que está acontecendo na verdade?

— Ainda não sei com certeza, mas pelo seu relato dona Regina eu não posso descartar a possibilidade do Jacaré, ser o mandante do crime, para desfazer sua sociedade com o Jumento e ficar com todo dinheiro arrecadado só para ele.

— Então tem mais vítimas como eu?

— Com certeza, sim. Jacaré deve ter falado para o Daniel, que se ele não assumisse o assassinato do Jumento, a senhora morreria.

— Só pode ser isso, Dr. João?

— Não posso afirmar ainda, vamos ter que investigar mais. A delegada está para chegar, mas não comente isso com ela, primeiro preciso descobrir quem matou o Jumento, certo?

— Certo, confio no senhor Doutor, muito obrigado por tudo, que Deus lhe pague.

Dr^a. Aldira chegou esbanjando graça e bom gosto, com seu patriótico taieir verde bandeira com detalhes em amarelo, ela me diz: — Elegantíssimo o seu escritório Dr. João, parabéns está indo bem na profissão.

— Que isso, nada comparado à elegância de sua atitude, em vir até aqui para tratar de um assunto que ainda desconhece. Dr^a. Aldira sabia se vestir saindo do óbvio, não ficava presa a um padrão de beleza, entendia o seu corpo e tirava proveito disso. Com uma postura elegante sabia brincar com as roupas, explorava a sua sensualidade em discretos decotes e saias muitas vezes acima dos joelhos em tecidos nobres. E acima de tudo, ela sabia ter um estilo independente de roupa.

Era uma mulher elegante e fina no seu comportamento. Ofereci-lhe um suco de abacaxi com hortelã gelado e expliquei detalhadamente a situação. Pedi para Márcia trazer dona Regina até a sala ao lado onde conversamos demoradamente com ela.

Revoltada com a situação calamitosa da minha cliente, Dr^a. Aldira diz indignada, sem alterar o tom de voz e tranquilizando minha cliente: — Esse Jacaré não sabe com quem se meteu Regina, voltaremos a conversar à noite. Depois das 11, e resolveremos essa barbaridade de uma vez por todas. Agora são exatamente 19 horas, existe tempo suficiente para eu armar uma arapuca para esse Jacaré.

Às 23 horas em ponto, dona Regina permite a entrada de Jacaré no seu lar, ele imediatamente pede o dinheiro, com voz sedosa: — Cadê a minha grana, princesinha gostosa, hoje eu vou colocar um monte de chifres na cabeça do seu querido maridinho.

Ela dá o dinheiro, ele coloca no bolso de traz da calça, sem conferir o valor, em seguida lhe dá um longo e forçado beijo na boca. Neste momento saíram do quarto, da cozinha e do banheiro, os agentes policiais com arma em punho e dão voz de prisão à Jacaré. Surpreso e impossibilitado de qualquer tipo de reação, entrega seu revólver 38, e

todos vão para a delegacia, inclusive eu e dona Regina, encontrar a Dr^a. Aldira, que não pode acompanhar a diligência policial.

Pouco depois, na delegacia, Jacaré algemado é escoltado por dois agentes até a sala da Dr^a. Aldira, que pede para seu agente levá-lo a salinha dos fundos e me chama gentilmente para ir até lá, Jacaré está sentado no chão. Na salinha, apenas uma mesa e três cadeiras, uma luz forte sobre a mesa, Dr^a. Aldira fala para o agente: — Coloca o senhor Jacaré sentado confortavelmente nesta cadeira, e manda-o calar a boca, por favor.

Jacaré senta na cadeira em frente ao Dr^a. Aldira, que abre com cuidado a gaveta e pega uma agulha grande de costura e diz, sem alterar o tom de voz: — Esse agente atrás do senhor, chama-se Otávio e vai me auxiliar, durante o seu interrogatório. Não fala nada entendeu, eu vou te perguntar, o senhor responde curto e rápido, se eu não gostar da resposta eu enfio esta agulha em baixo da sua unha, combinado?

— Mais doutora o...

Jacaré é bruscamente interrompido com um violento murro no rosto, que lhe derruba no chão, desferido pelo agente que estava de pé atrás do Jacaré. Ele é recolocado na cadeira, dois agentes seguram sua mão direita e Dr^a. Aldira enfia a agulha previamente esquentada com a chama de um isqueiro embaixo de sua unha, do dedão, Jacaré berra de dor, e diz “que isso”, outro murro lhe derruba da cadeira, é novamente recolocado na cadeira chorando de dor, mas sem falar nenhuma palavra.

Dr^a. Aldira espera um minuto e pergunta: — Quanto tempo já puxou de cadeia?

— Três anos.

— É fugitivo?

— Não, já paguei tudo que devia pra justiça.

— O que anda, aprontando agora?

— Escapei, por sorte, quando o meu primo Jumento foi preso na relojoaria, há oito anos, a polícia não sabia quem eu era. O Jumento foi em cana e não me dedou, começamos o negócio de vender segurança. Eu descobria qual família do preso tinha grana e Jumento arrebentava o otário e o rabo dele, só pra impor respeito. Depois não deixava nenhum outro mano, judiar do cara, quando o otário saía do hospital eu ia fazer a cobrança, pelo menos um salário mínimo, por mês, quem tinha mais bufunfa, morria com mais grana.

— Como ele arrebentava o rabo do otário?

— Fazendo sexo, na banda de trás do otário.

— Quantos clientes?

— Agora seis fora a dona Regina.

— Porque a dona Regina?

— Eu fui visitar o meu primo Jumento um..., outra vez Jacaré leva um violento murro no rosto e cai da cadeira, sendo imediatamente recolocado na cadeira.

— Isto você já falou senhor Jacaré, todo mundo aqui já sabe que o senhor tem um primo chamado Jumento. Jacaré se recompõe e diz: — Eu fui visitar o Jumento na penitenciária e eu vi a dona Regina, eu a achei muito gostosa foi por isso. O Jumento falou que fazia o serviço, um salário mínimo por mês e que eu só podia comer a princesa, também uma vez por mês, se não ia estragar todo o nosso negócio de segurança.

— Quem matou o seu querido primo jumento?

— O tal de Daniel.

— Como você sabe disso?

— É o comentário, lá na penitenciária.

— Senhor Jacaré de agora em diante o senhor, apenas vai me responder sim ou não, entendeu bem?

— Sim.

— Senhor Jacaré está com o dedo da mão sangrando e o rosto avermelhado, porque resistiu à prisão, e o senhor foi dominado pela dona Regina, que lhe deu uns tabefes na sua linda cara?

— Sim.

— Entendo as vítimas se descontrolam mesmo nesta hora, mas o senhor tem alguma queixa contra a dona Regina ou contra algum dos meus agentes?

— Não.

— Também preciso aplicar-lhe uma medida sócio-educativa, para que possa se arrepender de seus atos e retornar à sociedade como um cidadão exemplar, num futuro bem próximo, o senhor concorda?

— Sim.

Dr^a. Aldira fala para o seu agente policial: — Leva o senhor Jacaré para a sala do escrivão. Momentos depois na sala, a Dr^a. Aldira fez a identificação do acusado e pergunta ao Jacaré porque ele está com o dedo da mão sangrando e o rosto avermelhado. Jacaré responde que reagiu à prisão, e foi dominado por dona Regina, que lhe deu uns tabefes na cara e que não tinha nenhuma queixa contra ela, ou contra os agentes. Em seguida o escrivão lavra a prisão em flagrante delito, por extorsão sexual e financeira e por porte ilegal de arma de fogo.

A delegada chama o carcereiro e fala educadamente: — Como medida sócio-educativa, leva o Sr. José Maria, vulgo Jacaré, para a cela do Pedrão Malucasso e fala que ele ganhou uma namoradina está noite. É só para namorar sem machucar muito, é bom lembrar o Pedrão que eu sou responsável pela integridade física desse senhor e não gostaria de vê-lo de manhã, todo arrebatado com hematomas disseminados pelo corpo, entendeu bem às minhas ordens, carcereiro José Francisco?

— Sim senhora eu entendi perfeitamente bem Doutora, com licença. Jacaré sem falar uma única palavra é levado cabisbaixo pelo carcereiro.

Dr^a. Aldira manda chamar a dona Regina e faz a oitiva da vítima. Disse para ela ficar tranqüila, e apenas por uma medida de segurança, irá encaminhá-la a uma Casa de Proteção às Vítimas, onde seria bem tratada pelos policiais da casa e que eles fariam também a proteção dela, durante o seu período de trabalho. Explicou ainda, que isto era uma medida provisória e quando ficar comprovado que não corria mais nenhum risco, dona Regina, poderia voltar à sua rotina normal.

Depois disse para mim: — Jacaré só falou, porque sabe que o Jumento morreu, não falaria mais nada, porque morreria na cadeia, amanhã cedo vai ser transferido para o seguro da delegacia de furtos e roubos.

— Mas porque no seguro, Doutora?

— Para mim também quase passou despercebido, mas o apelido de Jacaré, na prisão, significa delator, amanhã cedo eu informo o juiz da prisão dele e depois sua família, se eu conseguir localizá-la.

Na gíria dos detentos Jacaré significa serra, ou seja, preso que roubam outros presos, quando são pegos, são sumariamente executados pelos detentos roubados. Mas como discordar de tão singular doutora, no mínimo ela acharia isso uma indelicadeza da minha parte.

Nem vou comentar esse terrível interrogatório com a Juliana, ela não iria entender que a tortura no Brasil é uma herança cultural ainda arraigada na sociedade, vinda principalmente da escravidão e da ditadura. A tortura é considerada por muitos, o

principal mecanismo de investigação policial no país, sendo utilizada como rotina na aplicação das medidas sócio-educativas dos encarcerados. Portanto é uma prática institucionalizada no Brasil e não simplesmente um desvio comportamental da Dr^a. Aldira, que no fundo possuía um coração enorme.

Levei a dona Regina, até a Casa de Proteção às Vítimas, ela estava apavorada, perguntei se tinha mais alguma coisa a me dizer, apenas disse: — Estou muito envergonhada e com medo.

— Não tem nada para se envergonhar dona Regina, salvou a vida do seu marido.

§ 1.2 – A casa caiu.

No outro dia fui almoçar sozinho no Yzi Kielv's Place, ainda impressionado com o depoimento de Jacaré. Liguei para a penitenciária, precisava dar seguimento, no caso do Daniel: — Júlio você tem o controle das visitas íntimas dos presos?

— Está tudo registrado no computador, João.

— Qual a data da última visita íntima que Jumento recebeu?

— Em dez minutos eu te ligo de volta.

— Mas antes me responda, Daniel continua no seguro?

— Sim, porque João?

— Eu quero pedir-lhe uma visita extra-oficial, para averiguar se Vanderlei deporá no tribunal como testemunha de defesa.

— Eu acho João que vai perder o seu tempo, lembre-se que aqui quem fala morre, mas não me oponho, se você quiser perder o seu tempo com Vanderlei perca, depois venha na minha sala, para jogarmos um pouco de conversa fora.

Minutos depois quando pedi a conta para o maitre, Júlio me confirma a última visita íntima que Jumento recebeu foi exatamente três dias antes da chegada de Samuel, vulgo Suzi, na sua cela. Portanto há cinco anos, Jumento não transava com nenhuma mulher, gosto não se discute, lamenta-se.

Porque ele resolveu mudar agora a sua rotina sexual e fazer sexo com a dona Regina? Simples, ele nunca mudou sua rotina sexual, comprovando que Daniel mentiu para não morrer ou evitar a morte de dona Regina. Agora chegou a hora de eu arriscar, e dar o último tiro que resta, um tiro no escuro, tentando acertar na única pessoa presente na cena do crime, além de Jumento e Daniel, o Vanderlei.

Se essa suspeição se concretizar e ele confessar o assassinato, Daniel não correrá mais nenhum risco de morte. Caso contrário seria praticamente impossível descobrir qual o preso destro, dentro de centenas e centenas de presos destros, estaria ameaçando Daniel de morte. Obrigando-me a pedir a sua transferência em definitivo para o seguro, onde cumprirá o restante de sua pena, por assalto a mão armada.

Vanderlei entra na sala dos advogados, senta na cadeira, junto à mesa e diz: — O quê que de mim, bota-fora (advogado)?

— Relaxe pegue um giz (cigarro).

Vanderlei estende a mão direita, pega um cigarro e acende com o isqueiro na mão direita e sabendo que eu teria que traduzir o malandres para o português, perguntei-lhe:

— Porque você caiu (foi preso) Vanderlei?

— "Seu dotô (doutor), o patuá (negócio) é o seguinte: Depois de um gelo (desprezo) na coitadinha (esposa) resolvi esquinhar (ficar parado em esquinas, à espera de algo) e caçar uma outra cabrocha (mulher) que preparasse a marmita e amarrotasse o meu linho no sabão (que cozinhasse para mim e lavasse a minha roupa). Quando bordejava pelas vias (perambulava pelas ruas), abasteci a caveira (tomei uma cachaça) e troquei por centavos um embrulhador (comprei um jornal). Quando então vi as novas do embrulhador,

plantado (encostado) com um poste bem na quebrada da rua (esquina), veio uma pára-quadras se abrindo (veio uma mulher demonstrando interesse). Eu dei a dica (dirigiu um gracejo à mulher), ela bolou (foi receptiva à lisonja), eu fiz a pista (acompanhei-a), coleí (aproximei-me, caminhando ao lado da mulher), solei (conversei com a mulher), ela aí bronqueou (não gostou). Eu dei mala (a dispensei), ela branqueou, mas foi na despista (despistando), porque, muito vivaldina (esperta), tinha se adernado (virado) e visto que o cargueiro estava lhe comboiando (o namorado a estava acompanhando). Morando na jogada (compreendendo a situação), o Zezinho aqui (forma do malandro, referir-se a si mesmo) ficou ao largo (de lado, observando) e viu quando o cargueiro jogou a amarração (o namorado se aproximou dela) dando a maior sugesta (ameaça) de colar o brinco (tapa na orelha) na recortada (namorada). Manobrei e procurei ingrupir (dissimular) o pagante (o namorado), mas, sem esperar, recebi um cataplum no pé do ouvido (soco). Aí lhe dei um bico com o pisante na altura da dobradiça (dei-lhe um pontapé no joelho), uma muqueada nos mordedores (um soco nos dentes) e taquei-lhe os dois pés na caixa de mudança (saltei-lhe com os dois pés sobre o peito) pondo-o por terra. Ele se coçou (se mexeu), sacou a máquina e queimou duas espoletas (sacou o revólver e fez dois disparos), papai (se refere a si mesmo), muito esperto, virou pulga (deu um salto) e fez a duquerque (evadiu-se, fugiu), pois o vermelho não combina com a cor do meu linho (referia-se ao vermelho do sangue). Durante o boogi (fuga), uns e outros me disseram que o sueco (homem branco) era tira (policial) e que iria me fechar o paletó (matá-lo). Não tenho vocação para presunto (defunto) e corri. Peguei uma borracha grande (ônibus) e saltei no fim do carretel (no fim da linha), precisamente às 15 para a cor da rosa (às 17 horas e 45 minutos). Como desde a matina (manhã) não tinha engolido a gordura, o roque do meu pandeiro (o ruído do meu estômago) estava sugerindo sarro (fome). Entrei no china-pau (pequeno restaurante chinês) e pedi um boi a Mossoró com confete de casamento e uma barriguda bem morta (bife a cavalo com arroz e uma cerveja bem gelada). Engoli a gororoba (comida) e como o meu era nenhum (como não tinha dinheiro), pedi ao caixa pra botá na pendura que depois eu iria esquentar aquela fria (pedi ao caixa um crédito, que pagaria a despesa mais tarde). Ia pirar (sair) quando o sueco apareceu. Dizendo que eu era produto da Chácara (a Chácara é um dos prostíbulos da cidade), foi direto arriando a cascata (jogando conversa mole) pra me esculachar (desmoralização na frente dos outros). Eu sou preto, mas não sou Gato Félix, me queimei e puxei a solingea (irritei-me e saquei a navalha), fiz uma avenida na epiderme do moço (fiz um talho na pele), ele virou logo rubro (ficou vermelho com o sangue). Aproveitei a confusa (confusão) para me pirar, mas um dedoduro (delator) me apontou aos xifópagos (policiais que sempre andam em duplas (também chamados Cosme e Damião) e por isto estou aqui. Moro?

— Morei.

— Mas chega de coazada (conversa fiada) dotô, qual é a arataka (armadilha)?

— Vanderlei você fez o varal (aprontou) com o Jumento, caiu da égua (vai entrar em cana), vai pegar um canavial (pena prolongada), o majú (delegado) vem te visita, fique na fé (adeus), leve o maço de botinha (cigarros com filtro) e o dragão (isqueiro).

Sem entender nada, Vanderlei, pega o maço de cigarros juntamente com o isqueiro e diz quando era retirado da sala, pelo agente penitenciário, “que bota-fora mais loque (maluco) e cabuloso (ameaçador)”.

Eu nunca fumei na minha vida, mas queria confirmar se Vanderlei era destro ou canhoto e ficou claro para mim, que ele era destro, então arrisquei, dando um tiro no escuro, o acusei de ter matado Jumento, mas Vanderlei teve uma reação típica de uma pessoa “inocente”.

Fui visitar então a Dr^a. Aldira: — Quais as novidades, no caso Daniel, Doutora?

— O Dr. Miguel, pediu a reconstituição do crime, ele não quer correr nenhum risco e perder outra para você, no tribunal do júri, acho que neste caso, não sei não Dr. João, a coisa está ficando feia pro seu lado.

— Não está não, Dr^a. Aldira, ele já perdeu.

— Mas como o promotor já perdeu!

Convidei a delegada, muito bem vestida com seu taieir lilás, para ir ao IML, falar com o Dr. Vitor. Chegando lá, o Dr. Vitor relatou que pelo ângulo das perfurações, era fácil concluir que o assassino de Jumento era destro, porque os percursos das duas perfurações, não deixavam dúvidas, apresentavam desvio para a esquerda, se o autor fosse canhoto o percurso seria com desvio para a direita. Em seguida expliquei para a delegada: — Dr^a. Aldira, Daniel é canhoto e o Vanderlei é destro, mas é só um palpite.

Ela me olha com ar de indignação e quase perdeu o seu refinamento: — Como o filho da, digo subdelegado Junior, que se considera um super policial, o melhor entre os melhores, não consegue interpretar um laudo. E me deixa passar um detalhe deste tipo fazendo o juiz Dr. Plácido passar por um vexame desses, indiciando a pessoa errada, fora o desconforto do promotor Dr. Miguel, que com certeza absoluta, ainda não leu esse laudo e acabou divulgando, em entrevista para os jornais, que pediu a reconstituição do crime. A delegada conclui o seu pequeno desabafo, demonstrando ser de fato, uma pessoa com educação refinada: — Parabéns, Dr. João, mais uma vez subi no meu conceito, descobriu o erro, antes de todo mundo.

Argumenta o Dr. Vitor para a delegada: — Mas eu dei o laudo nas mãos do subdelegado, ele leu na minha frente e não me perguntou nada, achei que ele tinha interpretado o laudo corretamente. Resignada a delegada responde: — Eu sei disso, ele comentou comigo e teve a convicção de me falar que o Daniel estava ferrado, vou acabar com a raça desse subdelegado sabe-tudo, ficará trabalhando por um longo tempo, bem indeterminado, apenas com a burocracia interna da delegacia de homicídios.

Saímos do IML, Dr^a. Aldira espumava de raiva, por mais que quisesse disfarçar tal emoção. No caminho para a penitenciária, pelo celular ela falou com Júlio, que nos aguardaria na sala dos advogados com Vanderlei.

Entramos na sala e a Dr^a. Aldira foi logo informando: — A casa caiu senhor Vanderlei, quer confessar aqui, ou lá nos fundos. Vanderlei pálido responde: — Como caiu? Dr^a. Aldira disfarçando a sua grande irritação, responde: — Senhor Vanderlei, lamento informar-lhe, mas fez uma grande burrada, fez um preso canhoto assumir um crime que só um indivíduo destro poderia tê-lo praticado, o ângulo das perfurações provam claramente isto, vai confessar por bem ou em uma sessão espírita (confissão através do uso da tortura). Vanderlei desconsertado responde: — Tá certo Dotôra Aldira, a casa caiu, não precisa ser coice de mula (policial violento), eu vou abrir na manha (confessar sem violência). Eu fritei (matei) o Jumento, fritei porque não conseguia mais ser cadáver (dormir), os gemidos da Suzi tava me deixando xarope (louco), toda noite a mesma bossa, dormia no braço (mantinha relações homossexuais passivas) do Jumento e como não queria assinar uma bronca de 12 a 30 anos. Falei pro Daniel dar agá (cobertura) e segurar a bronca (assumir o problema) ou eu fazia (matava) ele, eu não azucrino (perturbo) ninguém, Dotôra Aldira, mas quem me atazana (incomoda), logo veste o paletó de madeira (morre).

Dr^a. Aldira me pergunta: — Dr. João, deseja fazer alguma pergunta ao senhor Vanderlei?

— Se a senhora, me permitir Dr^a. Aldira, eu gostaria de fazer apenas duas perguntas?

— Sinta-se a vontade, pode fazê-las.

— Primeira pergunta, porque jogar a culpa em Daniel e não o Samuel, vulgo Suzi?

— Ora Dotô João, a Suzi ia de bonde pro mosteiro (seria transferida, para o pavilhão dos assassínios), e não poderia ser a minha mãezona (homem que faz papel de mulher) de aluguel, ela devia valer pelo menos uns quatro maços de giz (cigarros), no banho coletivo, a outra pergunta Dotô.

— Porque proteger o Jacaré se foi ele que dedurou (delatou), você para mim?

— Esse filho da puta me dedu... Vanderlei é bruscamente interrompido com o soco que Julio lhe desfere no rosto, derrubando-o da cadeira, em seguida Julio grita: — Olha o respeito com a Dr^a. Aldira moleque se levanta e conta essa historia direitinho, para a Doutora. Vanderlei se recompõe e com o olho inchado, esclarece os fatos: — Vou piar (contar tudo), Jacaré veio arrear cascata (conversar), na cascata falo do praiado (permuta) eu dava o alvará do padre Chico (matar) para o Jumento e ele me dava uma completa (prostituta) todo mês, na visita íntima.

Dr^a. Aldira olha para mim, com olhar de reprovação é diz: — Dr. João, porque não me falou isso antes?

— Porque eu menti Dr^a. Aldira, eu joguei verde é o senhor Vanderlei caiu de maduro, agora ele vai ficar jurado de morte, por delação, bem quietinho lá no seguro e não vai mais alugar ninguém, como esposa de aluguel no banho coletivo.

— Dr. João, realmente a cada dia que passa você sobe mais no meu conceito, excelente medida sócio educativa.

Julio sugere: — Dr^a. Aldira eu vou levar o Vanderlei até a minha sala e fazê-lo assinar uma esclarecedora confissão voluntária. E já vou avisando Vanderlei, se você alegar que assinou a confissão sob pressão para o juiz eu te coloco na cela do Luizão Nervosão, tiro o Anderson Mariazinha de lá e coloco você no lugar dele, como esposa do Luizão, entendeu bem?

— Sim. Depois Julio complementa: — Até que esse Jumento durou muito aqui dentro!

Pedi para o Julio se poderia falar com Daniel e lhe dar as boas novas, enquanto eles tomavam as providencias cabíveis com o Vanderlei, ele concordou. Pediu para o carcereiro Oscar, buscar Daniel e saíram da sala dos advogados.

Na manhã do dia seguinte o Dr. Plácido arquivou o indiciamento de Daniel aceitando o indiciamento de Vanderlei por homicídio qualificado pela morte de Jumento e determinou que dona Regina saísse da casa de proteção das vítimas. Daniel continuará preso na penitenciária, por medida de segurança, Julio tomará as providências cabíveis, para que ele não seja mais explorado ou judiado pelos demais presos.

No fim da tarde, encontrei-me com dona Regina, em sua casa, para explicar-lhe a nova situação de Daniel. Emocionada ela me agradeceu e falou que pelo resto de sua vida cortaria o meu cabelo de graça.

¥¥¥

A EXTORSÃO

Midu Gorini

Primeira Edição